

A ilusão da ilusão autorizada

Paulo Cesar Sandler*

*Such labour'd nothings, in so strange a style,
Amaze the unlearn'd, and make the learned smile.*
Alexander Pope, 1991.

Uso os seguintes sentidos para os seguintes termos: Ilusão – percepção distorcida de um objeto real. Alucinação – percepção sem objeto. Delírio – encadeamento de lógica interna dedutiva irretorquível, construída sobre premissas alucinatórias ou ilusórias. Alucinoso – presença de alucinação e de quadros delirantes em personalidades de resto conservadas. Todas são definições da psiquiatria clássica; ver, por exemplo, Campbell (1981/1986).

A citação de Kant,

A ilusão não pode ser evitada, assim como não é possível evitar que o meio do mar pareça mais alto que na praia porque nós o vemos lá através de raios que são mais elevados que os daqui; assim como o astrônomo não pode impedir que a lua lhe pareça maior ao surgir, mesmo que não se deixe enganar por esta aparência (Kant, 1781/1980, p. 179),

estímulo da carta-convite da atual editoria da revista *ide*, é para mim um repto ao pensar – atitude que acredito ser intrínseca da psicanálise.

Creio que algumas das origens, alicerces mesmo, da psicanálise descoberta por Freud foram possibilitadas pela revivescência que Kant fez da obra de Platão. A Renascença desenterrou os clássicos; o Iluminismo e os românticos deram-lhe utilidade prática, sobretudo na ciência. Com o intuito de colaborar, infimamente que seja, para que o trabalho de reinventar a roda não seja mais necessário – “um povo que não conhece seu passado está condenado a repeti-lo”, observou Santayana –, tentei desenvolver estudos sobre a obra de Kant sob a visão de um analista praticante, endereçados especificamente para psicanalistas (Sandler, 2000, 2001). Acho que o estudo extrafilosófico da *Crítica da razão pura* é útil para o analista praticante. Kant é reconhecidamente um gigante que assentou sólidos alicerces para a filosofia, “amiga do conhecimento”. Menos reconhecido é que – dizia ele mesmo nessa obra – o fato de ele ter indicado os “caminhos” da Ciência como a conhecemos hoje. Ciência não positivista, como a física e a matemática mo-

dernas. Alicerces até hoje não modificados, apesar de por vezes abandonados.

Ilusão e verdade

Vou sumarizar a obra de Kant para discutir um pouco certos modos de valorizar ou considerar a ilusão, a alucinação e o delírio. A diferenciação entre alucinação e sonho custou quase vinte anos de pesquisa para Freud – ambos compartilham da qualidade visual e da relação com uma ideia baseada no desejo. Muitos usam a palavra ilusão para se referir a devaneio, planos bons para o futuro, mas se formos nos basear na obra de Kant, como na terminologia psiquiátrica, ela designa uma percepção distorcida de um objeto. Creio que nenhuma ilusão resiste ao teste do tempo. A verdade é robusta, embora possa ser obliterada, por séculos até. Se a obra de Kant for atemporal, independente de cultura, espaço, valores morais e *Weltanschauungs* – esse fato já ilustra meu ponto de vista. É verdade mesmo, como querem os pós-modernos, que inexistente tal coisa, a realidade ou a verdade? Que temos “leituras” e “visões pessoais” apenas? Isso está na obra de Kant? Se a realidade não existe, obviamente qualquer possibilidade dela nos aproximarmos, mereceria a qualificação de ilusória. Porém, na própria metáfora de Platão, havia uma luz entrando na caverna, e dela dependiam as sombras – ilusões do conhecer.

O método crítico: “Século das Luzes” em *status nascenti*: Kant cria o “criticismo” ou “método crítico”. Um instrumento, um *organon*; se me perdoam a metáfora de má qualidade, uma vassoura para limpar o pó do engano.

Ilusão do dogma: Kant, vindo de Bacon, Browne e Hume, percebeu o atentado primeiro ao conhecer daquilo que é real, dos fatos como são, isto é, a crença de que o conhecimento poderia se fazer por dogmas autoritários, tipificados pela escola de Wolff. Até aqui, Kant era mais um “iluminista”. Como psicanalistas, conhecemos isso por outra via, a clínica: no delírio paranóide, nos *establishments* mentais de todo tipo. Podemos dizer, hoje, que a primeira ilusão descrita por Kant merece o nome de delírio; Freud o iluminou quando disse que a idéia de Deus é projeção de onipotência.

Ilusão do pseudo-empirismo: Kant vai adiante: critica, quer dizer, mostra a ilusão do empirismo restrito, berço do positivismo de Comte. Ele não descarta o método empírico

em si; as limitações da crença restritiva, reducionista, de que se podem apreender o mundo e os fatos restringindo-se àquilo que os órgãos sensoriais nos informam. E o chama “realismo ingênuo”. O principal autor criticado aqui é Locke.

Ilusão da lógica formal: Decorrente da segunda ilusão, descobre uma terceira falácia, inspirado em Hume, a do racionalismo, da lógica dedutiva formal. Daí o título da sua obra de onde as editoras da *ide* tiram a citação: crítica da razão pura. Kant perfila uma série de “antinomias”. Usando fina lógica aristotélico-cartesiana, ele “prova” como duas afirmações contraditórias, mutuamente excludentes, parecem verdadeiras. Lógica formal, insuspeita mãe do absurdo? Umberto Eco formula a questão com a ajuda de seu personagem Adso de Melk: “Eu pensava que a lógica era uma arma universal”. Mas, aprendiz, descobre com Guilherme de Baskerville que tudo depende do modo com que a lógica é usada. Fato já observado por Pascal, antes de Kant, é retomado na psicanálise tanto por Freud, ao descobrir as racionalizações do juiz Schreber, como por Bion, ao nos dizer que a razão é psicologicamente necessária (Bion, 1965/2004, p. 87). O principal autor criticado por Kant é Descartes, mas obviamente entra aqui toda a obra euclidiana, aristotélica e tomista. Kant descobre algo que só seria utilizado quase duzentos anos depois. Mostra o caminho para a ciência, tal como desejou tanto, mas a respeito do qual não chegou a saber que havia “dado certo”. Creio que de Kant saem, e talvez sem ele teriam sido impossíveis, caso as coisas continuassem na toada dogmática, lógica e sensorialista, a matemática descoberta por Riemann e Lobatchewsky, o intuicionismo descoberto por Brouwer, a relatividade descoberta por Einstein, a mecânica quântica de Planck... e, delas contemporânea, a psicanálise descoberta por Freud. Todas vão usar ativamente a percepção – não ilusória, mas dependente de dar-se conta das ilusões! – dos limites da lógica formal.

Ilusão do “subjetivismo” (também chamado de idealismo e solipsismo): No que se substancia o criticismo, o alcance do “transcendental”, como o chamou Kant, o que transcende aos sentidos e à razão lógica? Um conhecimento que “em geral se ocupa não tanto dos objetos mas com nosso modo de conhecer os objetos, na medida em que este deve ser possível a priori” (Kant, 1781/1980, p. 32).

O que são esses *a priori*? Não são dogmas, nem leis científicas. Não são inscrições advindas dos órgãos dos sentidos, em uma tábula rasa imaginada por Locke. São “conhecimentos”, já nascemos com eles. Para Kant, há pelo menos três *a priori*, astros guia da sensorialidade: os conceitos de tempo e espaço, e do imperativo categórico, o princípio ético básico da mente, depois revivido por Freud no conceito de superego. O termo de Kant, aqui, é “juízo *a priori*”. Sua expansão dos juízos é longa e não cabe no escopo deste texto – tento apenas dar uma idéia inicial que, espero, sirva de convite ao leitor para se aprofundar. Os juízos, proposições ou conhecimento *a priori* podem emergir por meio de ex-

periência sensorial, contudo sua base real situa-se em um campo que independe da experiência (Kant, 1781/1980, p. 23). A capacidade de julgar não se interessa pelos númenos, e sim pelo processo de julgar. Em outras palavras, não se interessa pelos objetos de estudo, mas pelos métodos.

Kant distingue alguns tipos de juízo. São modos de funcionamento mental quando a mente tenta se aproximar da realidade (Kant, 1781/1980, pp. 26-27).

As opiniões e os juízos prováveis a respeito do que pertence às coisas só podem ocorrer como fundamentos explicativos *daquilo que é realmente dado ou como conseqüências, segundo leis empíricas, daquilo que é subjacente enquanto é real: portanto, só podem apresentar-se na série dos objetos da experiência. Fora deste campo, opinar equivale a brincar com pensamentos, a não ser que tivéssemos tão-somente a opinião de poder talvez chegar à verdade seguindo uma vereda insegura para julgar* (Kant, 1781/1980, p. 380, grifos do autor).

As limitações dos métodos racional-conscientes de persuasão e demonstração de Kant cedo se fazem sentir. Parece que ele mesmo parecia estar consciente delas, que sempre o faziam recair circularmente nas próprias premissas, correndo o risco de criar númenos onde ele sabia que não poderiam existir. Seu risco era transformar todo seu edifício em um novo dogma onipotente – o dogma do subjetivismo –, ou em idealismo. Seus cuidados parecem esboçar, para o futuro, a psicanálise, o domínio do *insight* e do aprender pela experiência:

Ora, se se quisesse mostrar universalmente como se deveria distinguir se algo está sob uma regra dada, isso não poderia ocorrer de outra maneira senão novamente por uma regra. Mas, justamente por ser uma regra, esta requer por sua vez uma instrução na capacidade de julgar, e assim fica claro que o entendimento é capaz de ser instruído e abastecido por regras, mas que a capacidade de julgar é um talento particular que não pode ser ensinado, mas somente exercitado. A capacidade de julgar, por conseguinte, é também o específico do assim chamado senso comum, cuja falta nenhuma escola pode remediar... Por isso, um médico, um juiz ou um político pode ter na cabeça muitas e belas regras patológicas, jurídicas ou políticas, a ponto de poder ser professor metucioso das mesmas; mas na aplicação ainda assim infringi-las-á facilmente... (Kant, 1781/1980, p. 102)

Kant preocupava-se também com outro inimigo do conhecer, o “subjetivismo” – crença de que o mundo, o universo, os fatos, não passam de produtos das idéias da mente. Boa parte da *Crítica da razão pura* contém um criticismo a Berkeley e outros, que acreditavam que nem mundo há. E menos ainda fatos ou verdades, mas apenas idéias da mente individual. O subjetivismo foi depois chamado de “idealismo”; e, na época de Freud, de “solipsismo” (Freud,

* Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Psiquiatra pela AMB; mestre em Medicina pela USP; professor no curso de pós-graduação *lato sensu* sobre Psicoterapia Psicanalítica do IP-USP; membro honorário da Academia Lancisiana de Medicina (Roma).

1924/1958b). O termo “idealismo” voltou a ser usado. Tipificou a decadência dos românticos e tem sido responsabilizado pela criação das duas maiores hecatombes do século, o stalinismo e o nazismo.

A partir da formulação “realismo ingênuo”, propus que examinássemos uma possibilidade, a do “idealismo ingênuo”. Que, numa manifestação do mito de Babel e da Expulsão do Paraíso (mitos da proibição do conhecimento), se pensa kantiano. Como apreender o que Kant escreveu? Depois de sua morte, proliferou toda uma tradição que já se esboçara quando ele estava vivo. Atribui-se a ele esta frase: “Deus me defenda dos meus amigos, que dos inimigos me defendo sozinho”. A tradição implicou autoridades que favoreceram a leitura idealista de Kant. Penso que seu principal representante tenha sido Fichte. Essa tradição migrou para a França, e parece ter um apelo popular incontestado. Alguns a adotam como receita normativa, como ler Kant (Deleuze, 1963/1976). Mas a obra de Kant nasceu do questionamento de autoridades; escolásticas são inimigas do psicanalista, dentro e fora da sessão (Herrmann, 1991).

A sereia do idealismo

Como apreender o que Kant escreveu, ou o que qualquer grande autor escreveu? Poderosos obstáculos foram descritos nos Mitos da Proibição ao Conhecimento; a mente precisa da verdade como o corpo precisa de alimento; no entanto algo ocorreu: a mente odeia a verdade (Bion, 1962).

Suspeito que todos os leitores sabem que Kant desenterrou as palavras gregas *noumena* e *phaenomena* para descrever: (i) o âmbito da realidade última – “existente, demasiadamente existente”, parafraseando Nietzsche –, mesmo que inalcançável de modo estático, definitivo, último, total e satisfatório; (ii) o âmbito fenomênico, seu par complementar: o trabalho do demiurgo descrito por Platão. Neste, as representações obtidas pelos falhos, limitados e traiçoeiros órgãos dos sentidos, que confundem concretude com realidade: o “realismo ingênuo”.

A psicanálise aprofunda-se no âmbito numênico do inconsciente. Kant, além de sugerir que a filosofia indica os caminhos da ciência, reservou um lugar todo especial para uma disciplina que ainda não existia, mas que foi por ele prevista. Ela estudaria aquilo que Freud, conhecedor de Kant, denominaria “realidade psíquica” (Kant, 1781/1980, p. 58, 201 e principalmente 412; Freud, 1958a, p. 620).

Penso que aqui mora um perigo contido em um tipo de leitura da citação de Kant, exacerbado talvez por um viés desse nosso ofício no qual somos sempre aprendizes de feitiço. Nós analistas estamos sendo kantianos, mesmo sem saber. O tempo todo tentamos alcançar os modos específicos de apreensão e formação de idéias, emoções, sentimentos e afetos – que são um tipo de “método de estudo” do bebê, do funcionar psicótico e do funcionar não psicótico. São perenes, coexistentes no adulto. Conhecê-los, e conhecer como os pacientes conhecem, tem a ilusão como base intrin-

seca, como instrumento contrapontístico – contraponto da realidade mesma. Freud nos deixou essas descrições em tantos textos: nos casos clínicos, na interpretação dos sonhos, nas conferências introdutórias. Bion expande isso com a teoria da alucinação, e da necessidade de o analista tanto “sonhar a sessão” como não temer acompanhar os estados de alucinação dos pacientes intra-sessão (Bion, 1970, 2000).

O saber

Ars longa, vita breve. O saber pode ser doloroso, mas não nocivo. E por isso, nunca excessivo. O saber pode ser, como a mãe real que Winnicott descreveu, minimamente suficiente. Limitadíssimo, o âmbito da percepção sensorial humana. O que bem pode ser nossa sorte, pois ficaríamos muito confusos caso nosso olho humano captasse ondas eletromagnéticas infravermelho ou ultravioleta, com toda essa plethora de ondas de rádio, de TV, de telefones celulares de nosso século. O que vemos, uma estrela, bem pode não existir mais quando a vemos. Mais limitada ainda, nossa esfera de ação. Vemos estrelas e nada podemos fazer em relação a elas, como tantos desastres iminentes. Se elevados à enésima potência, nossos âmbitos de percepção e ação ficariam talvez menores do que um grão de areia em meio a um oceano e suas praias. Nossa ação e compreensão, logaritmicamente menores. Isso ilumina em parte nossas limitações para conhecer, mas também ilumina o alcance de nossas idéias:

Por que razão uma partícula biológica infinitamente pequena, sobre um torrão de sujeira lançado do centro galáctico – a que nós demos o nome de Terra – poderia, durante uma vida efêmera que não dura nem mesmo mil voltas em torno de um sol, imaginar que o Universo das Galáxias está em conformidade com suas limitações? (Bion, 1977/1996, p. 11)

Paradoxalmente, graças à nossa incomensurável pequenez diante do que existe e *é*, e *é* o que *é*, incognoscível em seu todo – os númena –, nosso saber, qual o da formiga, cujo universo de ação raramente passa o âmbito do formigueiro, pode ser minimamente suficiente. Com efeito o *é*, para os ofícios nossos, humanos: psicanalista, economista, marceneiro, bombeiro. Mas, voltando o paradoxo, duramos tão pouco que o mínimo *é* sempre pequeníssimo. Que contraste com nossas pretensões escolásticas e de grupos institucionalizados! Na metáfora-alerta de Fabio Herrmann (2005): sérios candidatos a petrificados soldadinhos de exércitos de terracota.

Aplico transdisciplinarmente o método de Kant, mesclando-o à prática psiquiátrica e psicanalítica que percebe os fenômenos de clivagem, após Freud e Klein (Freud, 1924/1964a, 1924/1964b; 1937/1968b; Klein, 1946/1952). Quando ele atinge o mínimo descrito por Winnicott? Se lampejamos, quando lampejamos, ou usamos, ou intuimos, não mais que de repente, mas eterno enquanto dura, o âmbito numênico? Ou que um determinado autor escreveu, de modo

independente, como a velocidade da luz *é* independente da posição do observador (constante de Einstein), ou o Édipo independente de cultura ou tempo, de nossas leituras?

Voltamos assim à citação. Acho que não se pode falar, dizer, nem repetir, como o *insight* em psicanálise, quando nos parece lampear algum númena, transitória e fugidamente, talvez possamos saber quando não o estamos a lampear; quando disso nos afastamos tanto, mas tanto, que ficamos perdidos. Pensando, na perdição, nos iludindo que nos achamos! Risco intrínseco a qualquer citação: tomar a parte pelo todo.

Vamos tomar um leitor que possa não clivar a citação. Não tomá-la como a verdade absoluta da obra de Kant. Difícilmente esse leitor deixará de perceber que a frase acima *é* uma dentre muitas que critica apenas e tão-somente o “realismo ingênuo”, de que poderíamos apreender a realidade, o mundo, pelos órgãos dos sentidos, limitando-nos à sensorialidade e à racionalização. A crítica de Kant descreve que a sensopercepção ilude-nos e ater-se a ela impede a visão dos fatos tais como são. O nosso leitor vai perceber também que fica faltando algo que exemplifique a parte da obra de Kant que critica o que eu propus chamar de “idealismo ingênuo”. Ao retirar a citação do contexto, toma-se a parte pelo todo, e não há alternativa senão a postura idealista. Alexander Pope, outro sábio do Século das Luzes, alertou: “Pouco saber *é* algo perigoso”.

Se o saber bem pode ser pouco, poderá ser ainda demasiadamente pouco, parafraseando outra vez Nietzsche? Penso que sim, e *é* justamente visível no idealista. Autoritário por pender para a prevalência da opinião pessoal, acha que os fatos e o mundo são produtos de suas idéias e crenças. Nesses casos, impossível distingui-lo do iludido, do alucinado, do delirante, que tomam suas idéias como a realidade, independentemente da própria realidade. Vou voltar ao ponto que sugeri antes. O demasiadamente pouco saber do idealista pode ser visto nas duas maiores hecatombes do século XX, pelo menos até hoje. Chamaram-se Stalin e Hitler. O pouco saber de Stalin baseava-se em uma fantasia de superioridade advinda de um pseudo-socialismo transformado no stalinismo autoritário: uma classe social seria superior a todas as outras. Ele se iludiu. E sua ilusão adquiriu foros de verdade. O pouco saber hitlerista era uma pseudobiologia, igualmente construída na fantasia pessoal da superioridade. No caso, de uma raça alucinada, criada pela mente dele mesmo, sobre todas as outras: haveria *übermenschen* e *untermenschen*.

Correlações clínicas

Será possível não se instalar o pouco saber quando se prende ao idealismo? Sendo o caso de podermos saber apenas o que pensamos, temos dois problemas psicanalíticos. Um deles *é* reduzir a vida mental ao consciente: negação da própria psicanálise, que se interessa pelo âmbito numênico do inconsciente (Sandler, 1997). A realidade fica pré-de-

cida em nossa mente. As conseqüências disso nas tentativas de trazer para a psicanálise as observações a respeito da mente, de Kant e de outros filósofos, repetem aquelas verificadas no macrocosmo social. Elas já podem ser verificadas. Por exemplo, nas tendências hoje chamadas de “hermenêuticas”, dentro do movimento psicanalítico. Tem sido mais fácil para os analistas experientes observar as limitações e os enganos do “realismo ingênuo” que assola a psicanálise de alguns modos. Por exemplo, a crítica às ênfases em confirmações empíricas autodenominadas “pesquisa em psicanálise”. Muitos autores, entre os quais André Green e Herrmann, as têm apontado. Não tem sido tão fácil encontrar críticas ao idealismo infiltrado na psicanálise – feito em nome de Kant e por vezes, de Freud, Winnicott e Bion. Entronizar a ilusão acaba confundindo alucinação e delírio com sonho; *phantasia* inconsciente com fantasia (Freud, 1909/1956, p. 206, 242; Isaacs, 1946/1952); trabalho onírico com ilusão; ilusão necessária à infância (Winnicott, 1951), ou identificação projetiva à infância (Klein, 1946/1952), com alucinação compartilhada no adulto (Bion, 1965/2004); associações livres com fuga de idéias. Na sessão, talvez tais confusões impeçam a percepção do divisor de águas entre psicanálise e alguma outra prática. Do império dos sentidos ao império da fantasia, fazendo um *bypass* pela psicanálise mesma? Na sessão, o analista se arrisca ao conluio com a irrealidade que trouxe o paciente à sessão, que permanece não observada.

A emergência insidiosa do pouco saber, irmão siamês do idealismo – pois na ignorância nos fiamos em nossas produções mentais –, no movimento psicanalítico parece ter feito alguns, como Lacan, bradar que voltássemos a Freud. Green, provavelmente influenciado por Lacan nesse aspecto, tem se dedicado a descrever em que ponto o movimento psicanalítico se afastou de Freud (Green, 1993, 2003). É moda de nossos tempos dispensar a metapsicologia (Modell, 1981; Kohut, 1984). Bion, para quem psicanálise era coisa séria, também pensava que os psicanalistas desenvolviam uma atividade que não passava “de uma manipulação engenhosa de símbolos”, e que “o erudito pode ver que uma descrição *é* de Freud ou Klein, mas que fica cego para a coisa descrita”. E que a psicanálise tal como *é* praticada por ser “apenas uma vasta paramnésia para preencher o vácuo de nossa ignorância” (Bion, 1976/1985; 1975/1990). Fabio Herrmann alerta continuamente para as teorizações e, na sessão, tenta “romper campos”, tanto os criados pelo paciente na hora da sessão como os criados por hábitos de apreensão superficial da obra de Freud (Herrmann, 1991). A apreensão superficial, muitas vezes, se baseia na idéia que a pessoa faz dos textos – ao seu bel-prazer, independentemente de seu conteúdo.

Realismo ingênuo e idealismo ingênuo revisitados

Uma tradição quase tão antiga como a psicanálise remonta a Jung, Adler e Stekel; edifício bem alto e populoso

através dos tempos. Há mais alternativas à psicanálise, alternativas às alternativas à psicanálise, alternativas às... *ad infinitum*, do que a psicanálise mesma. Jogando fora Freud, só resta alguma última palavra em psicanálise, dada, obviamente, pelo que entroniza sua opinião individual. Por que Freud teria usado o termo “realidade psíquica”, forma de existência diversa da “realidade material”? Com a realidade psíquica, aparece, como contraponto, a não-realidade psíquica – que no elogio da ilusão, ou da fantasia individual, a substitui.

O idealista confunde memória-sonho, trabalho onírico, funcionamento mental, com vôos da imaginação, expressos pela ânsia de saber descrita por Aristóteles, com imaginose, alucinação e delírio. Voltemos aos ilustrativos exemplos dados por um dos grandes idealistas da história, Hitler: “A imaginação gera a base do conhecimento”. Perguntava Hume, como diferenciar o pensador do louco? Imaginose, doença infantil da psicanálise? O idealista nega a possibilidade de apreensão, no máximo transitória, transiente, parcial dos fatos. Confunde incognoscibilidade última com incognoscibilidade eterna. Evoluímos do dogmatismo autoritário religioso, que se acreditava dono da realidade última, aos donos da incognoscibilidade eterna, que legaliza tantas verdades quanto há indivíduos. Freud critica contundentemente o idealismo (Freud, 1933/1958b). As “bruxas” de Goethe, que ele cita em *Construções em análise*, permitem diferenciar alucinação de sonho; imaginação é tornar algo, uma imagem, não necessariamente inventar alguma coisa que não existe. Sonho pode conter ilusão, sobretudo quando é o sonho de satisfação de desejo; mas é também a ferramenta auto-epistemológica da mente, a ponte para a realidade psíquica.

Muitos, entre eles o próprio autor da teoria da relatividade (Einstein, 1952/1994; Eddington, 1933/1994; Russell, 1925/1963), tentaram alertar – angustiados – sobre o pouco saber contido no “relativismo”, que tenta extinguir a teoria da relatividade na escuridão que o envolve. Bertrand Russell começa uma obra de introdução à teoria de Einstein, seu livro *ABC da relatividade*, dizendo que há pessoas que adoram afirmar “Tudo é relativo!” – e citam Einstein como prova. Tragédia? Pois Einstein constatou que havia algo – isso o fez merecedor de um prêmio Nobel – que não era relativo. Que não dependia da posição do observador (em psicanálise, da opinião do analista ou de quem quer que seja): a velocidade da luz. A pessoa que crê que o mundo é produto de sua mente, que não há fatos nem verdade além de seus pensamentos, adora afirmar: “Ninguém sabe nada (pois só eu sei, e o que eu sei é tudo o que se pode saber)”. Esse relativismo, legalizando tantas e quantas opiniões individuais possa haver, tem sido sedutor e popular (Sokal, 1998; Norris, 1997). Na psicanálise, correntes dizem que há tantas interpretações quantos analistas houver. Em seminários clínicos, é útil para a popularidade do supervisor popular. Pois todo mundo sempre tem razão.

Incognoscível quer dizer inexistente? Incognoscível de modo último implica algo que é inapreensível, inintuível e nunca utilizável? Incognoscível de modo último, ou “impalavrável” implica algo que é inintuível, inelampejável, não passível de uso? Ainda que parcial e transitório, demiurgicamente reenterrado? Édipo, posições esquizoparanoide e depressiva, dois princípios do funcionamento mental, instintos de vida, de morte, epistemofílicos, *false-self*, maternagem suficientemente boa, continente-contido: observá-los, intuí-los, usá-los na vivacidade da sessão para sermos quem somos realmente parece infactível ao idealista ingênuo, por isso ele recomenda que se enterrem tais conceitos. Seriam apenas criações imaginárias de seus formuladores. Flaubert tinha outras idéias: *L'ouvre est tout – l'homme est rien* (a obra é tudo; o homem, nada), em carta a George Sand.

No repto de Freud:

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e fica apresentado de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo fica incompletamente apresentado pela comunicação de nossos órgãos sensoriais (Freud, 1909/1958a, p. 613; grifos de Freud).¹

Conclusão

Creio que a psicanálise é herdeira prática do criticismo de Kant. Lida com problemas análogos aos do filósofo – a mente e a verdade, no campo altamente específico do sofrimento do indivíduo. Que pode, desde o advento da psicanálise, “criticar” seu sofrer.

Para mim, Kant fez uma espécie de psicanálise do pensar, no sentido dado por Bachelard (1938/1996) ao termo. Ele teria “analisado” o realista ingênuo. Alertou que ele se iludia. E o idealista. Alertou que ele alucinava. Creio poder dizer hoje que ambos deliravam. Mas talvez mesmo uma mente robusta como a de um Kant tenha sido um tanto ambivalente quanto aos númena. Como Colombo, que jamais pisou na América, mas intuiu que ela existia? Como Moisés, que não chegou à Terra Prometida? Se a ambivalência na obra de Kant realmente existe, e essa era a opinião de Hamann, seu professor, ela pode ser usada por leitores já tendentes a clivar algo. A pessoa vai se sentir, como tem se sentido, à vontade para dissolver um paradoxo que Kant não dissolveu. Os exemplos são afirmações do tipo: a ciência é produto da ideologia. Portanto, a psicanálise é produto da mente vitoriana de Freud. Inspirados em Althusser e Foucault, datam o atemporal. Repetem apenas aqueles que diziam que a psicanálise é produto de uma mente judaica pan-sexualista para envenenar a civilização. Se o nazismo tivesse ganhado a guerra, os idealistas de plantão continuariam, pela força das armas, impondo, como disseram du-

rante algum tempo, exatamente isto. A *rationale*, a episteme subjacente ao argumento é a mesma: a verdade não existe; a invariância não existe, podemos apenas conhecer fenômenos dependentes de nossa própria mente. Aliás, toda realidade, inclusive a social, é construída (Berger & Luckmann, 1968/1972). Richard Rorty (1982) (Pôncio Pilatos redivivo?), o maior divulgador do pós-modernismo nos Estados Unidos, aconselha: não nos preocupemos com a Verdade. Isso não é problema de filósofo. Tudo é relativo. Tudo é *Zeitgeist*.

Essa semente floresceu no movimento psicanalítico – tarefa fácil quando se jogam fora Freud e a metapsicologia. Nesta tendência, o mesmo idealismo de sempre em roupa nova, o inconsciente é uma fábrica de imaginações, e não a sede da verdade da mente. Entronizadas as transformações, perdem-se as invariâncias – emanações vivas dos númena. O pós-modernismo brada: temos apenas “leituras”. Os auto-intitulados defensores da “pesquisa psicanalítica” bradam: quantifiquemos. O realismo e o idealismo ingênuo me parecem bons dispositivos para se evitar a dor contida em uma análise real; a persistência de ilusão e alucinação me parece ser bom dispositivo para se evitar a dor contida na vida real.

A necessidade humana da alucinação e da ilusão é epistemológica. Aumenta em épocas de desamparo, real ou imaginário. Sua duração é necessariamente menor no primeiro caso, sob risco de sobrevivência: algo apenas em torno de três meses, por exemplo, na *phantasia* da identificação projetiva, de que o bebê pode mesmo se livrar do que sente como ruim e de que este fica dentro da mãe (Klein, 1946/1952). O mesmo vale para o objeto transicional descrito por Winnicott. Hanna Segal observou que na análise de adultos levamos a criança em consideração, mas trabalhamos com o adulto (Segal, 1982/1987). Penso que o mesmo se dá na análise de crianças: já há até mesmo um adúltero, ainda que rudimentar, no recém-nascido. É de sua aceitação que o seio real que lhe é oferecido sempre difere do seio que ele imagina (iludido ou alucinado) depender a vida. Tanto Bion como Winnicott deixam isso claro (Bion, 1961/1967; Winnicott, 1969). Os “dois” são necessários. Tem sido difícil para os analistas suportar esse paradoxo, visto que eles parecem geralmente tender para o idealismo ingênuo e, por vezes, para o realismo ingênuo. Ilusão e alucinação: contraponto e passo intermediário para a apreensão da realidade, psíquica e material, diferem de elogio da loucura. Não se tem direito ao descanso se não se estiver cansado, mas isso é diferente de se elogiar o descanso, ou o cansaço. A coluna 2 no instrumento criado por Bion, a “grade”, refere-se a falsidades. Resultaria numa grade muito pobre aquela que se encerrasse na coluna 2: há várias outras colunas, que correspondem às funções de ego descritas por Freud (notação, atenção etc.), matéria-prima do

trânsito consciente-inconsciente. Reduzir a obra de Freud, Winnicott ou a de Bion à ilusão e alucinação me parece tomar a parte pelo todo. A invocação às bruxas, emprestada de Goethe, em *Construções em análise* (Freud, 1937/1968a), equivalente à necessidade de não temer o “alucinar” na sessão (Bion, 1970), não se encerra em si mesma. É um passo necessário, inclusive para não se julgar psiquiatricamente o paciente, porém não uma finalidade em si. O clínico é incalculável, mesmo que momentaneamente agradável. Mesmo que garantia de popularidade para o analista. Conluio passa facilmente por bondade e “compreensão humana”.

Os mentirosos demonstraram coragem e determinação em sua oposição aos cientistas. Parecia provável que os cientistas, com suas doutrinas perniciosas, extirpariam das vítimas do engano até o último fiapo de auto-engano, deixando-as sem nenhuma proteção natural necessária para a preservação de sua saúde mental contra o impacto da verdade. Alguns mentirosos, conhecendo plenamente os riscos que corriam, sacrificaram suas próprias vidas enunciando mentiras de modo a convencer os fracos e inseguros por meio de sua convicção de que mesmo as afirmações mais absurdas eram verdadeiras. Não é exagero dizer que a raça humana deve sua salvação ao pequeno grupo de mentirosos preparados para manter a verdade de suas falsidades mesmo diante de fatos indubitáveis. Até mesmo a morte foi negada, desenvolvendo-se os argumentos mais engenhosos para sustentar afirmações obviamente ridículas, de que os mortos viviam na mais perfeita alegria. Frequentemente esses mártires da inverdade tinham origem humilde; seus nomes desapareceram. Mas, para eles, e para o testemunho trazido pela sua óbvia sinceridade, a carga imposta sobre a sanidade da raça deve tê-la destruído. Ao sacrificar suas vidas, sustentam a moral do mundo sobre seus ombros. Suas vidas, e as de seus seguidores, foram devotadas à elaboração de belos sistemas altamente complicados, nos quais se preservou a estrutura lógica por meio do exercício de um intelecto poderoso e de raciocínio impecável. Em contraste, os frágeis processos pelos quais os cientistas repetidamente tentavam manter suas hipóteses facilitavam aos mentirosos a demonstração da vacuidade das pretensões dos arrivistas; e assim atrasar, quando não impedir, a divulgação de doutrinas cujo efeito seria unicamente o de induzir um sentido de desamparo e falta de importância nos mentirosos e seus beneficiários (Bion, 1970, p. 100).²

Penso que alguns, como Kant e Freud, alertaram para a existência de ilusões. Constataram sua inescapabilidade e descreveram algumas delas. Entendo que como contraponto, ferramenta, passo intermediário até. Não o final. Não o defensável, nem indefensável. Se o futuro de todas as ilusões é promissor ou não, cada um precisará decidir por si.

¹ Tradução livre do autor.

² Tradução livre do autor.

Referências

- Arlow, J. (1996). The concept of psychic reality-how useful? *International Journal of Psychoanalysis*, 77, 659-666.
- Bachelard, G. (1996). *A formação do espírito científico: Contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. (E. S. Abreu, trad.). São Paulo: Contraponto. (Trabalho original publicado em 1938).
- Berger, P., & Luckmann, T. (1972). *La construcción social de la realidad*. (S. Zeleta, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1968).
- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. Londres: Heinemann Medical Books.
- Bion, W.R. (1967). A theory of thinking. In W. R. Bion. *Second thoughts*. Londres: Heinemann Medical Books. (Trabalho original publicado em 1961).
- Bion, W. R. (1970). *Attention and interpretation*. Londres: Tavistock.
- Bion, W. R. (1985). Evidência. (P. C. Sandler, trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 19, 129-141. (Trabalho original publicado em 1976).
- Bion, W. R. (1990). *Uma memória do futuro. Volume I: O sonho*. (P. C. Sandler, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975).
- Bion, W. R. (1996). *Uma memória do futuro. Volume II: O passado apresentado*. (P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1977).
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações*. (E. H. Sandler & P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1992).
- Bion, W. R. (2004). *Transformações*. (P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965).
- Bion, W. R. (2005). *Atenção e interpretação*. (P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).
- Campbell, R. (1986). *Dicionário de psiquiatria*. (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1981).
- Deleuze, G. (1976). *Para ler Kant*. (S. D. P. Guimarães, trad., 3a ed.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1963).
- Eddington, A. (1994). The expanding universe. In *The great books of the Western world*. Chicago: Encyclopaedia Britannica. (Trabalho original publicado em 1933).
- Einstein, A. (1994). Relativity: The special and the general theory (R. W. Lawson, trad.). In *The great books of the Western world*. Chicago: Encyclopaedia Britannica. (Trabalho original publicado em 1952).
- Freud, S. (1956). Two case histories: Analysis of a phobia in a five-year-old boy; Notes upon a case of obsessional neurosis. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 3-318). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1958a). The interpretation of dreams. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vols. 4/5). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1958b). The new introductory lectures of psycho-analysis: Lecture 35: The Question of a *Weltanschauung*. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 158-182). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1964a). Neurosis and psychosis. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 149-153). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1964b). The loss of reality in neurosis and psychosis. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 19, 183-187). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1968a). Constructions in analysis. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 255-269). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1968b). Splitting of the ego in the process of defense. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 271-278). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1938).
- Green, A. (1993). *Commentary to Theodor Jacobs' paper*. Trabalho apresentado em plenária do Ipac, Amsterdã. Texto não publicado.
- Green, A. (1995). Has sexuality anything to do with psychoanalysis? *International Journal of Psychoanalysis*, 76, 871-883.
- Green, A. (2003). *Quatro questões para André Green: Versão escrita de "Conversa com André Green": Videoconferência*. (P. C. Sandler, Ed.). São Paulo: Departamento de Publicações da SBPSP.
- Hamann, J. G. (1988). *Briefwechsel* (W. Ziesemer & A. Henkel, Eds.). Frankfurt: Insel Verlag. (Trabalhos originais escritos entre 1759 e 1789).
- Herrmann, F. (1991) *Andaimes do real. Livro 1: O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- Herrmann, F. (2005). *O poder não corrompe, revela*. Trabalho apresentado em palestra, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, out. 2005.
- Isaacs, S. (1952). The nature and function of phantasy. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs & J. Riviere (Eds.), *Developments in psychoanalysis* (pp. 67-121). London: Hogarth. (Trabalho original publicado em 1946).
- Kant, I. (1980). *Crítica da razão pura*. (V. Rohden & U. B. Moosburger, trad.). São Paulo: Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1781). (Os Pensadores).
- Klein, M. (1952). Notes on some schizoid mechanisms. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs & J. Riviere (Eds.), *Developments in psychoanalysis*. London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1946).
- Kohut, H. (1984). *How does analysis cure?* (A. Goldberg & P. Stepansky, eds.). Chicago: University of Chicago Press.
- Modell, A. (1981). Does methapsychology still exist? *International Journal of Psychoanalysis*, 62, 391-402.
- Norris, C. (1997). *Against relativism*. London: Blackwell.
- Pope, A. (1979). An essay on man: Epístola I. In *The Oxford dictionary of quotations* (p. 326), Oxford: Oxford University Press. (Trabalho original publicado em 1733).
- Pope, A. (1994). An essay on criticism. In J. Charlton (Ed.), *A little learning is a dangerous thing*. London: Robert Hale. (Trabalho original publicado em 1711).
- Rorty, R. (1982). *The consequences of pragmatism*. Brighton: Harvester Russell, B. (1963). *ABC da relatividade*. (G. Rebuá, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1925).
- Sandler, P. C. (1997). *A apreensão da realidade psíquica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sandler, P. C. (2000). *As origens da psicanálise na obra de Kant*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sandler, P. C. (2001). Le projet scientifique de Freud en danger un siècle plus tard?: Une étude psychanalytique et épistémologique. *Revue Française de Psychanalyse*, 65 (numéro hors série), pp. 181-201.
- Segal, H. (1987). O desenvolvimento infantil nas etapas precoces, da maneira que ele se reflete no processo psicanalítico: passos na integração. (P. C. Sandler, trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21, 415-430. (Trabalho original publicado em 1982).
- Sokal, A., & Bricmont, J. (1998). *Fashionable nonsense: Postmodern intellectuals' abuse of science*. New York: Picador.
- Winnicott, D. W. (1951). Transitional objects and transitional phenomena: A study of the first *not-me* possession. In D. W. Winnicott, *Collected papers: Through paediatrics to psycho-analysis* (pp. 229-242). London: Tavistock.
- Winnicott, D. W. (1969). The use of an object. *International Journal of Psychoanalysis*, 50, 711-716.
- eulogy of idealism and relativism – thus inexorably losing Kant's criticism about idealism. Through the use of a historic metaphor – the Stalinist-Hitlerist phenomena –, the study illustrates the dangers of the conjunction little learning–idealism. The paper includes some clinical and theoretical analogies to warn about the illusion of the idealists and relativists in the psycho-analytic movement. In what concerns to the possibilities to apprehend reality, to dream, to imagine and to analyze, the reader may decide for himself if the future of all illusions is bright or not.

Key-words

Perception. Psychic reality. Naïve realism. Relativism. Dream-work.

Resumo

Centrando-se em uma citação de Kant, extraída da *Crítica da razão pura*, faz-se um sumário tópico-descritivo dessa obra, que compreende: (i) uma crítica do racionalismo dedutivo que confunde a mesma realidade de que este reivindica dever ser apreendida com a percepção sensorial dela – o “realismo ingênuo”; (ii) uma crítica do idealismo, a crença de que a realidade é produto de nossas idéias, cujo corolário é que inexistente tal coisa, “realidade”. O estudo considera que a frase citada pela equipe da *ide* nos leva à crítica da crença descrita no item (i) acima. A frase, caso seja considerada de modo clivado em relação ao todo da obra de Kant, cai na armadilha de um elogio do idealismo e do relativismo – perde-se inexoravelmente a crítica de Kant sobre o idealismo. Usando uma metáfora histórica – o fenômeno stalinista-hitlerista –, o estudo ilustra os perigos da conjunção pouco saber–idealismo. Incluem-se algumas analogias clínicas e teóricas para alertar a respeito da ilusão dos idealistas e relativistas no movimento psicanalítico. No que se refere às possibilidades de apreender a realidade, de sonhar, de imaginar e de psicanalisar, o leitor poderá decidir por si se é brilhante, ou não, o futuro de todas as ilusões.

Palavras chave

Percepção. Realidade psíquica. Realismo ingênuo. Relativismo. Trabalho onírico.

Summary

The authorized illusion's illusion

Centered in a quotation from Kant excised from the *Critique of Pure Reason*, the study makes a brief topical-descriptive summary of it, which comprises: (i) a criticism of the deductive rationalism which mistakes the very reality which calls to be apprehended with the sensuous perception of it – the “naïve realism”; (ii) a criticism of idealism, which is a belief that reality itself is a product of our ideas, hence there is no such a thing, “reality”. The study considers that the phrase quoted by *ide*'s staff addresses us to the criticism to the belief described in the item (i) above. The phrase, if split from the whole of Kant's work, is amenable to be regarded as if it conveyed the whole of Kant's work, that would be an